



CONSTRUINDO A PESQUISA

Em maio de 2007 na UFMG deu-se início ao processo de pensar o projeto de pesquisa que João Bidé, Joviel, Zezinho, Gilmar, Zelito, Ismail e Laudelino Maxakali, deveriam apresentar como trabalho final de monografia do FIEI (Formação Intercultural de Educadores Indígenas, curso iniciado em 2006 na UFMG). Nani Yawanawa e Isaac Ashaninka tiveram naqueles dias uma sessão junto aos Maxakali na qual conversaram sobre a sua experiência de organização e projetos no Acre, bem como sobre a função de liderança dos professores. A ideia de Isaac e Nani era orientar e motivar os professores para que eles decidissem o projeto em conformidade com a sua realidade.


“Um projeto que é a comunidade que tem que sentar, pensar, olhar tudinho o quê que está prejudicando vocês, o quê que está fazendo vocês serem fracos, vocês não terem alimento, vocês se dividirem, brigar e ir para um canto, isso vocês têm que olhar, vocês mesmos que têm que olhar. Esse é um projeto também, da vida de vocês, como que vocês vão organizar a vida de vocês, a cultura, a língua, a língua portuguesa, a escola. Vocês que têm que pensar, como que nós vamos fazer, quem é que vai fazer? Ninguém de fora vai fazer. [Nani Yawanawa. 05/07].”

Em setembro de 2007 foi a primeira vez que eu fui à TI Maxakali para acompanhar e participar da orientação do projeto de pesquisa desses sete professores Tikmu'un. Nesses dias, uma ideia comum se expressou com muita força: a perda da floresta tinha levado embora a caça, os remédios, a casa dos yamiy, a falta de proteção do sol. Morar longe da cobertura das árvores era prejudicial à saúde. Os Tikmu'un insistiam na volta da mata. Depois de longas discussões entre eles, chegou-se a um consenso sobre o nome do projeto: 'Ãpu Yumuyõg Hãm Mainã, que foi traduzido de formas diferentes (“vamos tratar nossa terra”, “vamos curar nossa terra”, “vamos melhorar nosso povo”, “vamos fazer bonita nossa terra”). Ele transmite a concepção Maxakali da relação da cobertura vegetal como proteção contra as doenças, tudo isto estreitamente relacionado com o fortalecimento dos rituais. Em português, o projeto dos Tikmu'un passou a ser conhecido como “Cura da Terra Maxakali”.

Os Tikmu'un, desde o começo, demonstraram grande entusiasmo e curiosidade nas conversações sobre os detalhes de uma ou outra semente, a forma das folhas de uma ou outra árvore, os movimentos, sons, “namoros”, a forma de caçar e proteger os filhotes de diferentes animais. O afastamento da floresta material tem feito com que muitos detalhes do conhecimento específico sobre plantas e fauna estejam sendo esquecidos. Daí que os Tikmu'un foram dando à pesquisa a sua própria dinâmica. As primeiras sementes do trabalho foram os desenhos de algumas plantas cujos frutos eram comidos por periquitos, esquilos, macacos. Uma floresta é uma trama complexa de relações, é uma infinidade de histórias, de subjetividades. O método ia ficando claro: vamos reconstruir as relações. Os desenhos tornaram-se muito importantes para comunicar histórias, para guardar histórias novas, para lembrar histórias antigas.







Foi assim que o percurso Maxakali 'Āpu Yumuyōg Hām Mainã, 'Cura da Terra Maxakali', foi definido pela vontade e determinação com que os Tikmu'un transformavam a volta da floresta num interesse por pesquisar, descobrir, relembrar, estender e traduzir relações entre os elementos da floresta, bem como converter estas histórias em materiais concretos que pudessem usar no seu trabalho com os alunos Tikmu'un, e para fora das suas aldeias, já que insistiram na importância de que os não-índios vissem e pudessem ler o seu trabalho. Foi assim que nasceu a ideia da elaboração de um livro bilingue com uma compilação dos materiais produzidos neste processo.

O percurso acadêmico foi organizado em torno do diálogo de saberes entre os Maxakali e várias pessoas convidadas para conversar sobre a flora, mamíferos e aves da mata atlântica, por um lado, bem como por diferentes oficinas de produção de textos em maxakali, aulas de português, de pintura, de cartografia e de edição. Um primeiro produto deste trabalho é o livro Tikmu'un Māxakani yōg mimāti āgtux yōg tappet. "O livro Maxakali conta da floresta" (Maxakali et al. 2011 no prelo).

Este livro está composto por diferentes lugares, ou paisagens, que tomaram a forma de capítulos: Ham xeka começa mostrando, com mapas, um panorama atual da distribuição das famílias, os fragmentos de vegetação e áreas de capim na TI Maxakali. Seguem-se: Apne, aldeia; Mimtut yika mitakup, pomar; Hamxã, roça; Xui yin mun, capim; Pohok, brejo; Mimāti panip, floresta espalhada; Konag kux yōg mimāti, mata ciliar; Hamhipak, floresta secundária; por fim, Mimāti xeka, a grande floresta.

Cada um destes lugares contém cenas que lhe são particulares. São pequenas histórias ilustradas nas quais os pesquisadores Tikmu'un decidiram expor diferentes conexões: animais procurando a sua comida, seu lar, cuidando de seus filhotes; os seus yamiyxop análogos sugerindo fragmentos de mitos, de cantos, de histórias, cenas de dança na praça da aldeia.

O livro maxakali conta sobre a floresta por meio de muitas camadas. Do começo ao fim é uma aventura que segue o curso da sucessão ecológica. Do fim ao começo é o caminho da grande floresta à aldeia atual, é uma história do passado ao presente, é o caminho do mito ao ritual. O livro é perpassado por essa estética Tikmu'un da transformação, da alteração radical, do prazer e do perigo do contato com os seres que mantêm-se distanciados. É esta a marca que os pesquisadores Tikmũ'un tem imprimido no seu percurso pela universidade. O livro não é uma representação do mundo ou da natureza (como os cientistas naturais o considerariam), também não é uma reprodução de histórias ou uma tradução de cantos. É uma série de invenções que aparecem na escrita e no desenho. É uma trama de conexões que forma uma floresta de papel, que se parece mais ao rizoma de Deleuze e Guattari (1994), que não procura representar, mas fazer conexão com o mundo, procura conectar e aproximar as relações entre as "espécies".



REFLEXÕES DA FLORESTA DE PAPEL

Nos últimos anos o número de livros de autoria indígena tem se multiplicado rapidamente. Este é o caso dos Maxakali, que contam já com uma importante quantidade de materiais escritos e audiovisuais, alguns destes premiados em festivais em Belo Horizonte. A criação, edição e publicação de livros indígenas faz parte dos processos de passagem do oral para o escrito, bem como da patrimonialização da cultura. Hugh-Jones (2010) observa como os antropólogos, rodeados pelos seus papeis e livros, morando num mundo saturado de artigos, documentos e escritos, quando se interessam pela literatura indígena tendem a prestar pouca atenção à forma material dos documentos escritos. O papel na sua materialidade, isto é, enquanto meio, objeto e forma, é tão importante quanto a sua mensagem. Na medida em que papeis e documentos são relativamente raros em grupos indígenas, os que existem são associados com instituições poderosas e têm efeitos performáticos como instrumentos de poder. Da forma como Gell (1998) permite à antropologia falar da agência dos artefatos e obras de arte, ou de pessoas distribuídas na vizinhança de artefatos, podemos pensar que também os livros, ainda que objetos, carregam sua vida própria, levam consigo traços e são extensões dos seus autores, inclusive dos espíritos. Pela forma como os povos da América indígena têm reconhecido aos objetos diferentes graus de agência e subjetividade (Santos-Granero 2009), não é errado pensar que os livros e vídeos impliquem significados diferentes dos que estamos acostumados a lhes atribuir.

Lembro que durante uma das viagens à TI Maxakali fiz a pergunta se achavam que os yamiy iam gostar do livro que eles estavam fazendo. A resposta foi tão clara que senti que a pergunta tinha sido ingênua: “Claro que vão gostar: é a casa deles”.

A propósito da produção dos livros Tukano “Coleção de Narradores Indígenas do Alto Rio Negro”, Hugh-Jones observa que para muitos grupos que perderam, no processo de conquista e missionarização, muita ou toda a sua parafernália de objetos rituais, ou mais grave ainda, as suas flautas e trompetes de Yurupary, que são o centro da sua identidade e vitalidade ancestral, os novos livros, ao traçar relações com tudo o que se perdeu, se erguem como objetos importantes tanto pelas suas relações de autoria no interior do grupo, quanto pelo seu uso político no exterior (Hugh-Jones 2010).

O que eu quero deixar claro, como uma proposição, é que me parece que o livro Maxakali Conta da Floresta (Maxakali et al 2011), pode ser visto como um objeto que cria relações diversas, uma floresta de papel que é a extensão de muitos seres: dos Tikmũ'ũn que conseguiram estudar na UFMG, dos jovens novos professores, dos velhos que assessoraram o trabalho: Jose de Ka, Toninho, Manoel Damajo. Das mulheres e crianças que sempre estiveram presentes e participaram da sua confecção. O livro contém parte deles, bem como dos yamiyxop. O processo da elaboração desta pesquisa permitiu a três dos professores Tikmũ'ũn viajar à Amazônia¹, conhecer a grande floresta e chamar com seus cantos todo tipo de caça.

Zezinho Maxakali me falou depois que a viagem desses três professores tinha sido “histórica” para os Tikmũ'ũn. Torço para que o livro, como uma arma, continue fortalecendo nos Tikmũ'ũn a sua capacidade de estender relações e intensificar suas vitais aproximações com a grande floresta.

Edgar Eduardo Bolivar

Doutorando de Antropologia Universidade Federal Fluminense.
Pesquisador do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa Literaterras (UFMG)

¹ Gilmar, Joviel e João Bidé Maxakali visitaram, por convite de Nani Yawanawa e Isaac Ashaninka, varias aldeias Yawanawa nas cabeceiras do rio Gregório, no Acre, incluindo uma grande caçada coletiva (ver um relato em Almeida 2009). Nani e Fátima, sua mulher, visitaram em duas ocasiões a TI Maxakali, estreitando mais as suas relações, compartilhando a caiçuma de mandioca ou banana que Fátima está ensinando a fazer. Estes encontros e os seus efeitos cosmopolíticos são uma das partes mais importantes de pesquisas e percursos indígenas pela universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria I. (2009) **Desocidentada: Experiencia literária em terra indígena.**

Belo Horizonte: Editora UFMG.

ALVARES, Myriam. (1992) **Yãmiy, os Espíritos do Canto: A Construção da Pessoa na Sociedade Maxakali.** Dissertação Mestrado (Antropologia Social).

Campinas: UNICAMP.

DELEUZE, Gilles & Felix GUATTARI. (1994) **Rizoma.** Introduccióin.

México DF: Ediciones Coyoacán.

GELL, Alfred. (1998) **Art and Agency: An anthropological theory.**

New York: Oxford University Press.

HUGH-JONES, Stephen. (2010) **“Entre l’image et l’écrit. La politique tukano de patrimonialisation en Amazonie.”** Cahiers des Amériques Latines. no.63,64

p.195-228

ISA [Instituto Socioambiental] (2008) **Almanaque Brasil Socioambiental 2008** : Uma nova perspectiva para entender a situação do Brasil

e a nossa contribuição para a crise planetária.

São Paulo : Instituto Socioambiental

MAXAKALI, João Bidé et. al. (2011) **Tikmũ’ũn Măxakani yōg mĩmati āgtux yōg tappet.** O livro Maxakali conta da floresta. [No prelo].

MAXAKALI, Rafael et. al. (2008) Hitupmă’ax. Curar.

Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, Cipó Voador.

PARAISO, Hilda. **“Aminoxokori, Pataxo, Monoxo, Kumanoxo, Kutaxo, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni:** povos diferenciados ou subgrupos de uma

mesma nação?”. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. no.4. p.173-187.

RIBEIRO, Rodrigo (2008) **Guerra e paz entre os Maxakali:** devir histórico e violência como substrato de pertença. Tese de Doutorado (Ciências Sociais).

São Paulo: PUC.

SANTOS-GRANERO, Fernando (2009) (Ed.) **The occult life of things: native amazonian theories of materiality and personhood.**

Tucson: The University of Arizona Press.

TUGNY, Rosangela (2009a) **Cantos e histórias do morcego-espírito e do hemex.**

Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial.

TUGNY, Rosangela (2009b) **Cantos e histórias do gavião-espírito.**

Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial.

VIEIRA, Marina. (2006). **Guerra, ritual e parentesco entre os Maxakali:** um esboço etnográfico. Dissertação Mestrado (Antropologia Social).

Rio de Janeiro: MN/UFRJ.

